

CORPO, SANGUE E SEDUÇÃO:
UMA CRÍTICA DA TRADUÇÃO DO EROTISMO EM *ENTREVISTA COM O VAMPIRO*.

BODY, BLOOD, AND SEDUCTION:
A CRITIQUE OF THE TRANSLATION OF EROTICISM IN *INTERVIEW WITH THE VAMPIRE*

CUERPO, SANGRE Y SEDUCCIÓN:
UNA CRÍTICA DE LA TRADUCCIÓN DEL EROTISMO EN *ENTREVISTA CON EL VAMPIRO*.

 Yuri Santana Lira¹

 Tiago Marques Luiz²

1. Graduando em Letras Português/Inglês. Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: yurilirasantana@gmail.com
2. Doutorado em Estudos Literários (UFU - 2019). Professor adjunto na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: markx2006@gmail.com

ABSTRACT: The Brazilian edition of *Interview with the Vampire*, published in Portuguese as *Entrevista com o Vampiro* and attributed to Clarice Lispector, constitutes a particularly fertile field for investigating the relationships between language, eroticism, and the Gothic imaginary. Taking Anne Rice's novel in its original edition (RICE, 1976) and its Brazilian translation (RICE, 1996) as the corpus, this study assumes that eroticism in the work is not limited to the thematic representation of desire but is constructed through lexical networks connected to the body, blood, seduction, violence, and death. Based on a comparison between passages from the source text and the translated text, the analysis examines how these networks are preserved, displaced, or intensified in the target text. As a theoretical framework, it draws on Baker's (2018) reflections on equivalence beyond the word and lexical cohesion, articulated with Berman's (2009, 2012) critique of translation, Venuti's (2019, 2021) discussion on the visibility of the translator, and Arrojo's (1993; 2007) conception of the interpretive nature of translation. The central hypothesis holds that translation not only transfers contents from the original but also retexts its lexical and stylistic networks, producing a new configuration of eroticism in the translated text.

Keywords: Literary translation; Eroticism; Gothic; Anne Rice; Clarice Lispector.

RESUMO: A tradução brasileira de *Interview with the Vampire*, publicada em português como *Entrevista com o Vampiro* e atribuída a Clarice Lispector, constitui um campo especialmente fértil para investigar as relações entre linguagem, erotismo e imaginário gótico. Tomando como corpus o romance de Anne Rice em sua edição de partida (RICE, 1976) e sua tradução brasileira (RICE, 1996), este estudo parte do pressuposto de que o erotismo, na obra, não se limita à representação temática do desejo, mas se constrói por meio de redes lexicais ligadas ao corpo, ao sangue, à sedução, à violência e à morte. Com base no cotejo entre trechos do texto-fonte e do texto-meta, a análise examina de que modo essas redes são preservadas, deslocadas ou intensificadas no texto de chegada. Como aporte teórico, mobilizam-se as reflexões de Baker (2018) sobre equivalência para além da palavra e coesão lexical, articuladas à crítica de tradução de Berman (2009, 2012), à discussão de Venuti (2019, 2021) sobre a visibilidade do tradutor e à concepção de Arrojo (1993; 2007) acerca do caráter interpretativo da tradução. A hipótese central sustenta que a tradução não apenas transfere conteúdos do original, mas retextualiza suas redes lexicais e estilísticas, produzindo uma nova configuração do erotismo no texto-meta.

Palavras-chave: Tradução literária; Erotismo; Gótico; Anne Rice; Clarice Lispector.

RESUMEN: La edición brasileña de *Interview with the Vampire*, publicada en portugués como *Entrevista com o Vampiro* y atribuida a Clarice Lispector, constituye un campo especialmente fértil para investigar las relaciones entre lenguaje, erotismo e imaginario gótico. Tomando como corpus la novela de Anne Rice en su edición original (RICE, 1976) y su traducción brasileña (RICE, 1996), este estudio parte de la premisa de que el erotismo en la obra no se limita a la representación temática del deseo, sino que se construye mediante redes léxicas relacionadas con el cuerpo, la sangre, la seducción, la violencia y la muerte. A partir de la comparación entre fragmentos del texto fuente y del texto-meta, el análisis examina cómo estas redes son preservadas, desplazadas o intensificadas en el texto de llegada. Como marco teórico, se movilizan las reflexiones de Baker (2018) sobre la equivalencia más allá de la palabra y la cohesión léxica, articuladas con la crítica de la traducción de Berman (2009, 2012), la discusión de Venuti (2019, 2021) sobre la visibilidad del traductor y la concepción de Arrojo (1993; 2007) sobre el carácter interpretativo de la traducción. La hipótesis central sostiene que la traducción no solo transfiere contenidos del original, sino que también retextualiza sus redes léxicas y estilísticas, produciendo una nueva configuración del erotismo en el texto traducido.

Palabras-clave: Traducción literaria; Erotismo; Gótico; Anne Rice; Clarice Lispector.

Recebido em: 15/04/2026

Aprovado em: 22/04/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Considerações iniciais

Nos Estudos da Tradução, a tradução literária tem sido compreendida menos como operação neutra de equivalência e mais como prática interpretativa e retextualizadora, capaz de reorganizar escolhas lexicais, relações sintáticas, efeitos de leitura e configurações estilísticas no texto de chegada. Nessa perspectiva, a análise de traduções de obras ficcionais não pode restringir-se ao plano semântico imediato nem à comparação isolada entre palavras do texto-fonte e da tradução. Ela exige atenção a níveis mais amplos da textualidade, como a equivalência além do nível da palavra, os padrões de colocação, a coesão lexical e os campos semânticos que estruturam a progressão do texto, uma vez que a tradução literária implica decisões que afetam diretamente sua materialidade estética e discursiva (Baker, 2018; Britto, 2012).

Essa abordagem mostra-se particularmente produtiva quando aplicada a narrativas cuja força estética depende da articulação entre voz, sensorialidade e ambiguidade afetiva, como ocorre em *Interview with the Vampire*, romance publicado por Anne Rice em 1976, cuja recepção marcou uma inflexão decisiva na tradição moderna do vampiro. Ao reinscrever a figura vampírica em chave confessional, melancólica e sensual, Rice (1976) desloca o vampiro do lugar de simples criatura monstruosa para o de sujeito atravessado por desejo, culpa, sedução e crise existencial. Nesse movimento, o romance organiza uma imaginação gótica em que corpo, sangue, noite, fascínio e morte não operam apenas como motivos temáticos, mas como recorrências lexicais e imagéticas que sustentam a dimensão erótica da narrativa. O erotismo, nesse caso, não se reduz a um conteúdo episódico do enredo, mas emerge como efeito discursivo construído por imagens sensoriais, aproximações corporais, ambiguidades relacionais e modulações de linguagem que aproximam prazer, violência e transgressão, em consonância com uma concepção do erótico como experiência de excesso e violação de limites (Bataille, 1987).

É nesse horizonte que se insere a presente reflexão sobre *Entrevista com o Vampiro*, tradução brasileira editorialmente atribuída a Clarice Lispector, publicada em 1996 — atribuição cuja autoria tem sido objeto de questionamento crítico —, tomada aqui como corpus para observar de que modo o erotismo do romance de Anne Rice (1976) é reconfigurado no texto de chegada. Mais do que verificar correspondências pontuais entre vocábulos do original e da tradução, interessa examinar como escolhas lexicais, sintáticas e imagéticas reorganizam campos semânticos vinculados ao corpo, ao sangue, à sedução, à violência e à morte, produzindo alterações na atmosfera e nos efeitos de leitura. O problema que orienta este estudo pode ser formulado da seguinte maneira: de que modo a tradução de *Interview with the Vampire* (Rice, 1976) reconfigura, em português, as recorrências lexicais e as relações colocacionais que sustentam a construção do erotismo no romance?

A hipótese central sustenta que a tradução atribuída a Clarice Lispector, publicada em 1996, não se limita a verter o conteúdo narrativo do texto-fonte, mas retextualiza sua organização verbal e simbólica, produzindo uma nova configuração do erotismo no texto-meta. Com base nisso, o objetivo geral deste artigo consiste em analisar de que modo a tradução de *Interview with the Vampire* (Rice, 1976), publicada em português como *Entrevista com o Vampiro* (Rice, 1996), reconfigura as recorrências lexicais e os campos semânticos que sustentam o erotismo no romance. De modo mais específico, o estudo pretende identificar os campos semânticos vinculados ao corpo, ao sangue, à sedução, à violência e à morte no texto de partida; examinar como tais recorrências são reorganizadas na tradução; e discutir os efeitos estéticos produzidos por essas escolhas no texto de chegada, especialmente no que se refere à intensificação, ao deslocamento ou à atenuação da atmosfera erótica e gótica.

A relevância do estudo reside em contribuir para a crítica de tradução literária por meio de uma abordagem que articula análise lexical, interpretação estética e leitura comparativa, sem reduzir a tradução a um problema de correspondência vocabular. Ao focalizar a dimensão erótica do romance, o artigo também procura demonstrar que a figura do vampiro, longe de operar apenas como motivo fantástico, articula uma linguagem de transgressão e fascínio cuja força depende da tessitura verbal que a sustenta. Investigar a tradução desse universo simbólico significa, portanto, examinar como o texto-meta reinscreve, em português, formas de sensorialidade, desejo e ambiguidade moral.

Para desenvolver essa proposta, o artigo mobiliza as contribuições de Baker (2018), sobretudo no que se refere à equivalência acima do nível da palavra, à colocação, à coesão lexical e à organização de campos semânticos, articulando-as às reflexões de Berman (2009; 2012) sobre crítica de tradução, às formulações de Venuti (1995) acerca da visibilidade do tradutor e às discussões de Arrojo (1993; 2007) sobre o caráter interpretativo da tradução. Os trechos foram selecionados com base na recorrência de campos semânticos ligados ao corpo, ao sangue e à sedução, privilegiando cenas em que tais elementos se articulam de forma mais densa. O artigo estrutura-se em três momentos. Primeiro, apresenta uma reflexão sobre gótico, vampirismo e erotismo como chaves de leitura do romance de Anne Rice. Em seguida, discute os pressupostos teóricos da crítica de tradução, com ênfase nas noções de equivalência além da palavra, colocação, coesão lexical e retextualização. Por fim, realiza o cotejo entre trechos selecionados do original e da tradução, a fim de observar de que maneira as redes lexicais do erotismo são preservadas, transformadas ou rearticuladas no texto-meta. Com isso, busca-se sustentar que a tradução literária, longe de constituir um gesto invisível ou meramente instrumental, participa ativamente da produção de sentido da obra ao reorganizar, em outro sistema verbal, as relações entre corpo, sangue e sedução.

Gótico, vampirismo e erotismo em *Interview with the Vampire*

Publicado em 1976, *Interview with the Vampire*, de Anne Rice, constitui um ponto de inflexão na tradição vampiresca moderna, pois desloca o centro da narrativa da perseguição ao monstro para a interioridade do próprio vampiro. Benefiel (2004) observa que a obra rompe com o paradigma anterior ao focalizar não os caçadores, mas os próprios vampiros, agora representados como figuras introspectivas, socialmente articuladas e simbólica e afetivamente complexas (Benefiel, 2004, p. 261-262). Em leitura convergente, Sarhan e Adel (2018) assinalam que Rice dissolve as fronteiras convencionais entre humano e vampiro ao conferir a seus mortos-vivos densidade moral, angústia reflexiva e preocupação filosófica com o sentido da própria existência (Sarhan; Adel, 2018, p. 36-37). Essa inflexão é decisiva porque transforma o vampiro, antes reduzido com frequência a dispositivo narrativo do terror, em lugar de condensação de melancolia, desejo, culpa e crise existencial.

Tal deslocamento aproxima o romance de Rice de uma reconfiguração moderna do gótico. Hoppenstand e Browne (1996) mostram que a autora dialoga intensamente com a tradição gótica, de Horace Walpole (1717-1797) a Bram Stoker (1847-1912), ao mesmo tempo que expande as convenções do gênero para tratar de questões contemporâneas (Hoppenstand; Browne, 1996, p. 1-2). Também Assis (2012) destaca que Rice reposiciona o vampiro como figura sensível, bela, artística e emocionalmente vulnerável, alterando de modo decisivo a imagem do predador noturno no imaginário contemporâneo (Assis, 2012, p. 65). Em vez de apenas reiterar castelos sombrios, perseguições e presenças monstruosas, Rice reinscreve o gótico num regime mais introspectivo, sensual e filosófico, em que o horror se associa ao fascínio e a monstruosidade se torna inseparável da sedução. Nesse sentido, o gótico em *Interview with the Vampire* não deve ser entendido apenas como ambiência, mas como lógica estética que articula decadência, beleza crepuscular, excesso afetivo e transgressão moral.

Um dos procedimentos fundamentais dessa reformulação está na própria narração. Ao conceder ao vampiro a palavra e ao organizar a narrativa como relato confessional, Rice (1976) aproxima o leitor da consciência do monstro e o obriga a experimentar a alteridade a partir de dentro. Sarhan e Adel (2018) observam que essa escolha narrativa intensifica a identificação com Louis, já que o leitor acompanha diretamente sua culpa, seu sofrimento e sua dificuldade de aceitar a própria condição (Sarhan; Adel, 2018, p. 43-44). Desse modo, a primeira pessoa não apenas humaniza o vampiro, mas desloca a fonte do horror: este já não se concentra exclusivamente no ataque exterior do predador, mas na experiência íntima de um sujeito dividido entre sede, repulsa, desejo e remorso. Linkin (2024) aprofunda esse ponto ao argumentar que o ato de Louis narrar sua própria história constitui também uma forma estética de elaboração da experiência vampírica, por meio da qual ele procura suportar o tédio da imortalidade e reorganizar sua percepção de si (Linkin, 2024, p. 1-2). O relato autobiográfico, assim, não funciona apenas como recurso narrativo, mas como prática de autoconstituição, fazendo da palavra um meio de performar a própria identidade vampírica. O efeito gótico, portanto, torna-se menos espetacular e mais psicológico, mais interiorizado e, por isso mesmo, mais perturbador.

No plano conceitual, Chaves (2017) recompõe o erotismo como fenômeno historicamente vinculado à tensão entre vida, desejo e morte, mostrando que ele não se restringe à sexualidade reprodutiva, mas se constitui como experiência culturalmente simbolizada, atravessada por interditos, imaginação e transgressão (Chaves, 2017, p. 18-29). Essa leitura converge com Bataille (1987), para quem o erotismo desestabiliza a descontinuidade individual e conduz o sujeito a uma busca de continuidade, razão pela qual desejo, morte e transgressão aparecem intimamente ligados (Bataille, 1987, p. 12-17). Bataille (1987) sustenta ainda que a essência do erótico reside no confronto com o interdito e em sua violação, de modo que o erotismo humano não se reduz ao ato sexual, mas implica uma experiência liminar, ao mesmo tempo corporal, afetiva e simbólica (Bataille, 1987, p. 3). Essa formulação é particularmente relevante para a leitura do vampirismo riceano, uma vez que o romance faz do sangue, da mordida, da incorporação e da perda de fronteiras entre eu e outro não apenas motivos narrativos, mas formas de encenar o contato entre prazer, violência e morte.

No que se refere especificamente ao vampiro, Chaves (2017) demonstra que a figura vampiresca, no interior da tradição gótica, consolida-se como ser ambíguo e transgressivo, capaz de condensar fascínio, interdição, sedução e ameaça (Chaves, 2017, p. 84-97). Ao longo de sua trajetória literária, o vampiro deixa de ser apenas criatura grotesca ou demoníaca para tornar-se também corpo de atração, promessa de excesso e metáfora de desejos socialmente reprimidos. Essa chave é particularmente fecunda para a leitura de Rice, porque em *Interview with the Vampire* o vampiro já não aparece apenas como ameaça exterior à ordem, mas como forma refinada e íntima de desordem, isto é, como presença que seduz justamente porque encarna aquilo que a moral dominante tenta excluir. O romance torna visível, assim, o quanto o medo do vampiro está ligado não só ao horror da morte, mas também ao medo do desejo sem regulação, da proximidade excessiva e da dissolução das fronteiras identitárias.

Essa dimensão pode ser adensada pelas formulações de Luiz Nazário (1998) sobre a monstrosidade. Ao compreender o monstro como figura em que o horror se exterioriza materialmente e se torna visível no corpo, nos gestos e nos órgãos da agressão e do desejo, Nazário permite perceber com maior precisão a centralidade corporal da ameaça monstruosa (Nazário, 1998, p. 13-16). Tal perspectiva é especialmente produtiva para a leitura do vampiro, cuja força perturbadora não decorre apenas de sua condição sobrenatural, mas do fato de encenar, de forma sensível e concreta, a aproximação entre sedução, penetração, voracidade e morte. No caso da figura vampiresca, a boca, os dentes, a mordida e o sangue convertem a violência em contato íntimo e a destruição do outro em experiência simultaneamente corporal

e sedutora, o que reforça o lugar do vampiro como figura privilegiada da transgressão (Nazário, 1998, p. 15-16).

No universo de Anne Rice, a figura do vampiro opera justamente como esse ser liminar e transgressivo. Haggerty (1998) argumenta que aquilo que singularmente magnetiza o leitor nas narrativas vampirescas da autora é o desejo homoerótico, perceptível desde a cena inicial entre Louis e o entrevistador, construída como uma paródia de sedução queer (Haggerty, 1998, p. 5-6). Lima (2007) reforça essa leitura ao afirmar que o romance constrói uma forte atração entre personagens masculinos, sobretudo Louis, Lestat e Armand, e que o homoerotismo constitui um dos eixos centrais da narrativa (Lima, 2007, p. iv-v). Haggerty (1998) afirma ainda que personagens como Louis, Lestat, Armand e Daniel devem ser lidos a partir de uma lógica de desejo masculino-masculino, uma vez que suas relações não são apenas afetivamente intensas, mas organizadas por vínculos de atração, fascínio e dependência erótica (Haggerty, 1998, p. 6-7).

Essa dinâmica, contudo, não se esgota na sedução recíproca, pois o fascínio que estrutura tais vínculos é frequentemente atravessado por raiva, ressentimento, rivalidade e desejo de posse, de modo que a aproximação entre esses personagens se constrói também sob o signo da ambivalência. Em Rice, o desejo entre homens não aparece, portanto, como experiência harmoniosa ou estável, mas como campo de tensão em que atração e hostilidade coexistem e se intensificam mutuamente. Desse modo, o vampiro riceano deixa de ser somente criatura sobrenatural e passa a corporificar uma forma dissidente de desejo, capaz de tensionar fronteiras entre gênero, sexualidade e normatividade social.

Esse aspecto é reforçado por Liberman (1996), para quem o erotismo em Rice não funciona meramente como elemento de excitação, mas como verdadeiro eixo moral e estético das narrativas, pois é por meio da escolha do objeto erótico que a autora desafia tabus e obriga o leitor a reconsiderar formas tradicionais de julgamento moral (Liberman, 1996, p. 109-110). Liberman (1996) mostra que, nas crônicas vampirescas, tanto o ato de matar quanto o de criar outro vampiro são atos inequivocamente sexualizados, embora não genitais, e é exatamente aí que sangue, prazer, poder e violência se tornam indissociáveis (Liberman, 1996, p. 109).

A partir dessa chave, a transformação de Louis pode ser lida como cena de despertar do desejo, na qual a constituição vampírica se organiza também como abertura para uma experiência erótica dissidente. Anne Rice constrói essa passagem por meio de uma imagética corporal e sonora particularmente intensa: os batimentos cardíacos de Louis e Lestat são figurados como uma espécie de sinfonia desigual que, gradativamente, caminha para o uníssono, sugerindo uma fusão progressiva entre corpos, afetos e impulsos. Assim, a criação vampírica deixa de ser apenas um rito de passagem sobrenatural e passa a encenar também uma incorporação erótica, marcada por fascínio, entrega e reconfiguração subjetiva.

Em chave convergente, Chaves (2017) sublinha que o vampiro concentra um potencial de transgressão que converte a aproximação corporal em experiência simultaneamente sedutora, interdita e violenta (Chaves, 2017, p. 93-97). Nazário (1998) permite reforçar esse ponto ao mostrar que a monstrosidade se manifesta justamente por aquilo que se torna visível e intensificado no corpo, de modo que a ameaça do monstro não se separa de sua materialidade sensível (Nazário, 1998, p. 13-16). No caso específico de *Interview with the Vampire*, essa lógica se amplia porque os vínculos eróticos não obedecem aos limites convencionais da heterossexualidade normativa; ao contrário, a narrativa torna admissíveis combinações antes interditas, como a homoafetividade e até mesmo relações marcadas por sobretons incestuosos, o que intensifica a atmosfera de sedução sombria da obra (Liberman, 1996, p. 117-121). A isso se soma o fato de que, como observa Linkin, o romance não apenas representa vampiros sensuais e cruéis, mas imagina o vampirismo como prática estética, isto é, como forma de encenar a própria identidade por meio de gestos, rituais e performances de predação (Linkin, 2024, p. 3-5). O erotismo, em tal configuração,

não se esgota na atração entre corpos, mas se expande como teatralidade da presença, estilização da violência e arte da sedução.

Essa instabilidade também pode ser lida em termos de gênero e sexualidade. Vincent (2015) observa que os vampiros de Rice operam fora de classificações rígidas, uma vez que seu desejo não se submete à necessidade procriativa nem se deixa enquadrar com facilidade nos binarismos masculino/feminino e heterossexual/homossexual (Vincent, 2015, p. 5-6). A sexualidade vampiresca, nesse sentido, não é apenas desviada em relação às normas, mas estruturalmente fluida, porque está vinculada menos à identidade fixa dos sujeitos do que à circulação do desejo, do sangue e do poder. Essa fluidez amplia o alcance simbólico do romance: o vampiro se torna lugar de inscrição de subjetividades deslocadas, identidades não estabilizadas e afetos que escapam às categorias tradicionais.

Essa atmosfera se torna ainda mais complexa quando observada a partir das relações entre corpo e percepção. Santos e Tavares (2019) argumentam que *Entrevista com o Vampiro* intensifica as percepções corpóreas de seus protagonistas e transforma o corpo em vértice de experiências sensoriais e estéticas ampliadas (Santos; Tavares, 2019, p. 323-324). Nessa leitura, a condição vampiresca não apenas modifica o apetite ou a relação com a morte, mas reorganiza inteiramente a sensorialidade, aprofundando a experiência do toque, da visão, do desejo e da contemplação do mundo. Tal perspectiva é especialmente útil para este estudo porque permite compreender que o erotismo, no romance, não se constrói apenas por situações de sedução, mas pela própria intensificação sinestésica da existência vampírica, em que o corpo se torna instrumento privilegiado de apreensão do mundo e de fusão com o outro. O prazer, então, não se limita ao encontro com a vítima ou com o amante, mas se distribui pela própria experiência sensível de existir como vampiro.

Além disso, *Interview with the Vampire* complexifica o erotismo ao inseri-lo em formas desviantes de parentesco. Benefiel (2004) demonstra que o romance organiza Lestat, Louis e Claudia numa configuração que perverte gótica e simbolicamente a família nuclear, fazendo da filiação um espaço atravessado simultaneamente por cuidado, posse, violência e desejo (Benefiel, 2004, p. 265-266). Em perspectiva semelhante, Assis (2012) observa que Louis, Lestat e Claudia compõem uma família disfuncional em que funções paternas, maternas, filiais e amorosas se misturam de forma instável e perturbadora (Assis, 2012, p. 65). Nessa estrutura, o vampirismo já não ameaça apenas por sua natureza predatória, mas porque mimetiza e corrompe modelos de intimidade socialmente reconhecíveis. O horror deixa, então, de residir exclusivamente na monstruosidade exterior e passa a instalar-se no interior dos vínculos, convertendo a casa, a paternidade, a maternidade e a convivência em lugares de ambivalência moral e erótica.

A presença de Claudia é decisiva nesse processo. Não se trata apenas de uma criança vampira que reforça o estranhamento gótico, mas de uma personagem que torna visível a perversão das temporalidades do corpo, do desejo e da formação subjetiva. Presa para sempre a uma corporalidade infantil, Claudia introduz na narrativa uma tensão entre maturação psíquica e estagnação física que aprofunda o desconforto ético e erótico da obra. A relação entre Louis e Claudia, portanto, não é apenas afetiva ou paternal; ela também é marcada por dependência, exclusividade e deslocamentos de desejo que se insinuam no fascínio de Louis diante do desenvolvimento de Claudia, cuja consciência progressivamente amadurecida entra em choque com a permanência de seu corpo infantil. Essa disjunção torna o vínculo entre ambos particularmente inquietante, pois impede que ele seja estabilizado em categorias afetivas convencionais e o situa numa zona ambígua entre cuidado, apego, admiração e perturbação. O romance sugere, assim, que o vampirismo não corrompe apenas o corpo, mas também as formas pelas quais o afeto e a intimidade costumam ser culturalmente organizados.

A dimensão estética do vampirismo se torna ainda mais visível no espaço do *Théâtre des Vampires*. Linkin (2024) observa que, no romance, o vampiro não apenas mata, mas pode transformar a própria predação em encenação, elevando o gesto violento à condição de performance (Linkin, 2024, p. 4-7). Essa observação é particularmente importante porque reforça o modo como o romance articula beleza, crueldade e desejo num mesmo regime de representação. O teatro vampírico não apenas dramatiza a morte; ele a estiliza, a ritualiza e a torna espetáculo. Com isso, Rice (1976) radicaliza a reconfiguração moderna do gótico, já que o horror deixa de ser apenas vivenciado e passa também a ser performado. A monstrosidade, então, não reside somente no que o vampiro é, mas no modo como ele aprende a encenar e a estetizar sua própria diferença. Nessa chave, o erotismo do romance se associa diretamente à performance: o vampiro seduz porque transforma sua presença, sua voz, seu gesto e sua violência em forma.

Interview with the Vampire reconfigura a tradição gótica ao fazer do vampirismo não apenas um motivo fantástico, mas um dispositivo de problematização do corpo, do desejo e das formas de intimidade. Ao fundir introspecção, sensualidade e violência, o romance desloca a monstrosidade do campo do extraordinário para o interior da experiência subjetiva e relacional, produzindo um horror menos centrado na alteridade absoluta do monstro do que na instabilidade das fronteiras entre humano e inumano, prazer e culpa, afeto e dominação. A obra de Anne Rice (1976) também redefine o vampiro como figura estética e performativa, cuja identidade se constrói pela narração de si, pela encenação da predação e pela intensificação dos sentidos, o que amplia o alcance simbólico do romance e o vincula a formas dissidentes de desejo, pertencimento e família. É justamente esse entrelaçamento entre corpo, sangue, sedução, performance e ambivalência moral que torna o romance particularmente relevante para este estudo, uma vez que tais dimensões não operam apenas no plano temático, mas também na organização verbal da narrativa, constituindo o horizonte a partir do qual será possível examinar, no cotejo tradutório, como o erotismo se estrutura e se reconfigura entre texto-fonte e texto de chegada.

Tradução literária, redes lexicais e retextualização do erotismo

Se, no tópico anterior, demonstrou-se que *Interview with the Vampire* constrói seu erotismo a partir de uma imaginação gótica marcada pela articulação entre corpo, sangue, sedução, violência e morte, torna-se necessário delimitar, agora, o horizonte teórico que permitirá examinar essa dimensão no plano tradutório. Em um romance como o de Anne Rice, o erotismo não se organiza apenas como tema ou motivo narrativo, mas também como efeito de linguagem, dependente de escolhas lexicais, recorrências semânticas, encadeamentos sintáticos e formas específicas de coesão textual. Por essa razão, a crítica de tradução aqui proposta não se orienta pela simples comparação entre palavras isoladas do texto-fonte e da tradução, mas pela observação das relações que tais palavras estabelecem entre si no interior de cada texto. Interessa, assim, compreender de que modo a tradução preserva, desloca ou reconfigura a organização verbal responsável pela construção do erotismo no romance.

Esse encaminhamento encontra apoio decisivo em Baker (2018). Ao deslocar a discussão da equivalência do nível da palavra para níveis mais amplos da textualidade, a autora mostra que o trabalho tradutório depende também de padrões de coocorrência lexical, de restrições de combinação entre palavras e da organização coesiva do texto (Baker, 2018, p. 54-56; 215-216). Para o presente estudo, essa contribuição é central, porque permite compreender que o erotismo em *Interview with the Vampire* não se concentra em termos isolados, mas se distribui em redes lexicais compostas por itens ligados ao corpo, ao sangue, ao desejo, à ferida, à proximidade física, à perda de limites e à fascinação pela morte. A força dessas redes está menos em cada vocábulo tomado separadamente do que no modo como os termos se reforçam

mutuamente e produzem, por repetição, variação e associação, uma atmosfera de intensidade sensorial e ambivalência afetiva.

Essa formulação pode ser ampliada a partir da discussão de Baker (2018) sobre campos semânticos e conjuntos lexicais, uma vez que a autora observa que os itens vocabulares de uma língua não funcionam como unidades autônomas, mas adquirem valor no interior de agrupamentos conceituais e relacionais que segmentam a experiência e organizam proximidades, contrastes e recorrências (Baker, 2018, p. 17-18). Tal formulação é especialmente produtiva para o presente estudo porque permite compreender que o erotismo em *Interview with the Vampire* se organiza por meio de campos semânticos recorrentes, como corpo, sangue, dor, desejo, sedução e morte, cuja articulação produz efeitos de intensidade, continuidade e ambivalência. Desse modo, a análise da tradução não se volta apenas para palavras individuais, mas para a forma como esses campos são preservados, rarefeitos ou reconfigurados no texto de chegada.

Além disso, a contribuição de Baker permite ampliar o foco da análise para além da coesão lexical estrita. Ao tratar de coerência, implicatura e relações pragmáticas, a autora evidencia que o sentido de um texto também depende daquilo que não é dito de forma direta, mas sugerido por contextos, inferências e expectativas de leitura (Baker, 2018, p. 235-245). Tal observação é particularmente relevante para o romance de Rice, cuja erotização raramente se reduz a nomeações explícitas; ela se constrói, com frequência, por insinuação, proximidade corporal, descrição tátil, desaceleração narrativa e ambiguidade enunciativa. Em outras palavras, o erotismo da obra não se limita ao campo vocabular do desejo, mas emerge também de efeitos pragmáticos e de uma sintaxe que prolonga a tensão entre atração e ameaça. Traduzir esse erotismo implica, portanto, não apenas escolher equivalentes lexicais, mas também reconstituir marcas de ambiguidade, sugestão, repetição e modulação rítmica.

Outro aspecto relevante em Baker (2018) diz respeito à distinção entre significado proposicional, significado expressivo e significado evocado, bem como à atenção que a autora dedica às variações de registro (Baker, 2018, p. 12-16). Para este artigo, essa diferenciação é particularmente importante porque a tradução do erotismo em Rice não envolve apenas a manutenção de conteúdos ligados ao corpo, ao sangue e ao desejo, mas também a preservação, o deslocamento ou a reformulação de intensidades expressivas, tonalidades afetivas e marcas de registro que participam diretamente da atmosfera sensual e ambivalente do romance. Em outras palavras, o que está em jogo não é apenas o referente lexical, mas também a qualidade da sensação verbalmente produzida e o modo como ela se inscreve na voz narrativa.

Essa perspectiva torna-se ainda mais produtiva quando articulada a uma reflexão crítica sobre a própria prática tradutória. Venuti (2021) analisa o predomínio da fluência como critério de aceitabilidade em determinadas tradições tradutórias e demonstra que a transparência do texto-meta produz um efeito ilusório: quanto mais natural e contínuo parece o discurso, mais tende a apagar a intervenção do tradutor e a fazer a tradução passar pelo próprio original (Venuti, 2021, p. 38-39; p. 56). Em direção semelhante, o autor também defende que a tradução não deve ser pensada como prática neutra de transferência, mas como operação histórica, cultural e política, capaz tanto de reforçar quanto de tensionar relações de poder entre línguas e culturas (Venuti, 2019, p.9; p. 84-85). No caso do romance de Anne Rice, esse debate é particularmente relevante, pois a tradução do erotismo depende do tratamento dado à estranheza do texto-fonte. Uma tradução orientada apenas pela fluência pode suavizar opacidades, ambiguidades e sugestividades da prosa riceana; por outro lado, uma tradução mais sensível à diferença textual tende a preservar melhor a atmosfera inquietante e a densidade sensorial do original.

Nesse ponto, a questão não envolve apenas a manutenção de um suposto conteúdo erótico, mas a preservação de uma experiência de leitura. Quando a fluência elimina repetições, regulariza construções ou substitui formulações ambíguas por alternativas mais estáveis, ela pode alterar o modo como o desejo circula no texto. Em uma narrativa como a de Rice, marcada pela oscilação entre fascínio e culpa, o erotismo

se produz justamente na instabilidade, na demora, na sugestão e na ambiguidade. Assim, domesticar excessivamente a linguagem pode significar enfraquecer não só a estranheza do texto, mas também a sua capacidade de sustentar uma sensualidade sombria, hesitante e ameaçadora. A crítica da tradução, nesse caso, precisa considerar que legibilidade e neutralização não são sinônimas de êxito, sobretudo quando se trata de uma prosa cuja força reside, em grande parte, na tensão.

No contexto brasileiro, essa compreensão da tradução como espaço de interpretação e deslocamento é desenvolvida de forma decisiva por Arrojo (2007). A autora argumenta que refletir sobre tradução implica, simultaneamente, refletir sobre os próprios mecanismos de produção de sentido, pois traduzir não consiste em transportar conteúdos estáveis de uma língua para outra, mas em transformar um texto em outro, no interior de novos condicionamentos linguísticos e interpretativos (Arrojo, 2007, p. 7-11). Em outra formulação, Arrojo (2007) questiona frontalmente os clichês da fidelidade e da invisibilidade do tradutor, defendendo que toda tradução resulta de uma leitura situada, marcada por historicidade, interpretação e redefinição da própria noção de original (Arrojo, 1993, p. 9-11). Dessa perspectiva, o problema da tradução do erotismo em *Interview with the Vampire* não deve ser formulado em termos normativos, como se fosse possível verificar uma transferência integral ou insuficiente do “mesmo” erotismo. Mais pertinente é investigar como a tradução lê o romance e, a partir dessa leitura, reinscreve seus campos de sensualidade, violência e ambiguidade moral em outra língua.

Essa formulação é importante porque impede que a análise derive para um modelo simplificador de perdas e ganhos. O que está em jogo não é decidir se a tradução conservou integralmente um erotismo originário e estável, mas compreender que tipo de erotismo ela produz a partir de sua leitura do texto de partida. A tradução, nessa chave, não repete o erotismo do original; ela o reconfigura. Isso significa que alterações aparentemente discretas, como a escolha de um verbo menos tátil, a substituição de um substantivo corporal por um termo mais abstrato ou a redução de certas repetições, podem repercutir de modo decisivo na forma como o desejo se textualiza. O campo tradutório, portanto, não é secundário em relação ao campo interpretativo; ele é uma de suas realizações mais concretas.

Esse deslocamento ganha maior precisão teórica quando confrontado com as formulações de Berman (2012). O autor problematiza a tradição etnocêntrica da tradução e propõe uma analítica voltada para as tendências deformadoras que operam sobre a letra do texto, entre elas racionalização, clarificação, alongamento, homogeneização e apagamento de redes significantes (Berman, 2012, p. 63-69). O autor também insiste em que não se chega a uma prática tradutória eticamente consistente por meio de receitas metodológicas, mas pela delimitação do objetivo do traduzir e pelo reconhecimento de que traduzir uma obra não equivale a meramente transmitir uma mensagem (Berman, 2012, p. 89-92). Em formulações posteriores, essa perspectiva é desdobrada numa proposta de crítica produtiva, orientada não por juízos abstratos de fidelidade, mas pela reconstrução do projeto do tradutor, de seu horizonte e das condições que tornam a tradução bem-sucedida ou insuficiente em relação a esse projeto (Berman, 2009, p. 7-8).

No caso específico de *Interview with the Vampire*, a contribuição de Berman é especialmente fecunda porque permite considerar não apenas o léxico erótico, mas também a materialidade da prosa. Em textos literários, o erotismo não é produzido unicamente pelo vocabulário do corpo ou do desejo, mas também por cadências, pausas, retomadas, torções sintáticas e redes de repetição que criam um determinado regime de sensorialidade. Uma tradução que racionaliza demais a sintaxe, esclarece excessivamente o que no original permanece sugestivo, ou homogeneiza diferenças de tom e intensidade pode comprometer a própria tessitura erótica da narrativa. Em outras palavras, a deformação não se limita ao plano semântico; ela alcança também o ritmo, as pausas e a organização sintática do texto. Por isso, uma crítica da tradução do erotismo precisa observar a relação entre reescrita e materialidade verbal.

Desse conjunto teórico decorre uma consequência metodológica fundamental. A tradução do erotismo em *Interview with the Vampire* deve ser examinada a partir das redes lexicais e dos efeitos discursivos que estruturam o romance, e não apenas por equivalências localizadas. Isso implica mapear, no texto-fonte e no texto-meta, os campos semânticos ligados ao corpo, ao sangue, à sedução, ao desejo, à violência e à morte; observar a repetição ou substituição de determinados itens; identificar alterações nas cadeias lexicais e colocacionais; verificar modificações no ritmo sintático; e examinar de que maneira essas mudanças afetam a atmosfera do texto, configurando uma rede semântica reiterativa que sustenta a continuidade sensorial e afetiva da narrativa. Nessa perspectiva, a análise crítica da tradução deixa de se restringir ao plano da correspondência para assumir a forma de uma leitura comparativa da textualidade, entendendo a tradução como retextualização.

Tal procedimento exige, ainda, que se considere a tradução como projeto. Em vez de avaliar soluções isoladas como acertos ou erros absolutos, importa perceber se elas se articulam numa lógica interna coerente. Certas escolhas podem parecer, à primeira vista, menos próximas do texto de partida, mas responder a uma tentativa consistente de reconstruir em outra língua a mesma tensão entre sensualidade e inquietação. Outras, embora localmente plausíveis, podem participar de um movimento mais amplo de neutralização. Por isso, a crítica aqui proposta não se limitará ao inventário de diferenças entre original e tradução; buscará compreender a direção dessas diferenças e o tipo de leitura que elas produzem. O objetivo não é aferir fidelidade abstrata, mas descrever operações textuais e seus efeitos.

É nesse ponto que a noção de retextualização se mostra especialmente produtiva para o presente artigo. Ao considerar que o texto-meta reordena material linguístico, efeitos de leitura e redes de significação em função de outro sistema de língua e de outra tradição de leitura, pode-se sustentar que a tradução de *Interview with the Vampire* não apenas verte a narrativa de Anne Rice, mas produz uma nova configuração lexical, sintática e pragmática do erotismo. O que se pretende demonstrar, portanto, é que escolhas aparentemente pontuais, como um verbo mais corporal ou mais abstrato, uma sequência vocabular mais densa ou mais rarefeita, uma repetição mantida ou apagada, uma sintaxe mais demorada ou mais regularizada, interferem diretamente na construção da sensualidade gótica do romance.

À luz desse quadro teórico, a análise do corpus concentrar-se-á menos na verificação de correspondências pontuais entre texto-fonte e texto-meta do que na observação dos modos pelos quais a tradução reinscreve a economia verbal do erotismo em *Interview with the Vampire*. Para isso, serão examinados trechos em que corpo, sangue, desejo, violência e proximidade sensorial se articulam de forma mais densa, de modo a identificar como escolhas lexicais, encadeamentos sintáticos, repetições, supressões e deslocamentos semânticos interferem na construção da atmosfera erótica do romance. Interessa, assim, perceber em que medida a tradução preserva, atenua ou reconfigura as redes de sentido que sustentam a sensualidade sombria da narrativa, bem como os efeitos de ambiguidade, fascínio e ameaça que dela decorrem. Mais do que cotejar soluções isoladas, busca-se compreender o princípio de organização que rege o texto de chegada e o tipo de leitura do erotismo riceano que ele efetivamente produz.

Corpo, sangue e sedução: cotejo entre o texto-fonte e a tradução

A análise comparativa de *Interview with the Vampire* e de sua tradução brasileira deve partir do reconhecimento de que, no romance, o erotismo não se limita a momentos isolados de aproximação corporal, mas se organiza como efeito textual contínuo, sustentado por redes lexicais, recorrências imagéticas, ritmos sintáticos e por uma voz narrativa que converte desejo, dor e fascínio em experiência verbalmente densa. Sob essa ótica, a contribuição de Baker (2018) é especialmente produtiva, porque desloca a observação tradutória da palavra isolada para níveis mais amplos da textualidade, como colocação, coesão lexical, progressão semântica e implicatura (Baker, 2018, p. 54-56; p. 215-216; p. 239-

245). Aplicada ao romance de Anne Rice, essa perspectiva permite compreender que o erotismo não se concentra em um vocábulo ou imagem únicos, mas emerge da articulação insistente entre termos relativos ao corpo, ao sangue, à dor, ao movimento, à aproximação física e à excitação sensorial. Por isso, o cotejo entre original e tradução não deve limitar-se à verificação de equivalências pontuais, mas precisa observar de que modo o texto-meta reinscreve, desloca ou reorganiza essas cadeias de sentido.

A cena da transformação de Louis constitui um primeiro ponto decisivo para essa observação. No original, o início da mordida é preparado por uma cadeia lexical que associa imobilização, escuta e sangue: Lestat ordena “Be still” e exige um silêncio tão absoluto que Louis possa ouvir “the flow of blood through your veins” e, em seguida, “the flow of that same blood through mine” (Rice, 1976, p. 21). Na tradução, a cena é vertida por meio de formulação muito próxima: “Fique quieto” e “o fluxo do sangue em suas veias”, seguido do “fluxo deste mesmo sangue nas minhas” (Rice, 1996, p. 19). O cotejo mostra, aqui, a preservação de uma mesma cadeia colocacional, em que quietude, fluxo, veias e sangue produzem um efeito de concentração corporal extrema. A cena se erotiza menos por uma nomeação direta do desejo do que por essa focalização intensiva da fisicalidade, como se o corpo, antes mesmo de ser mordido, já fosse textualizado como lugar de escuta íntima e de passagem entre um ser e outro. Em termos metodológicos, trata-se exatamente do tipo de encadeamento a que Baker chama atenção: palavras não agem isoladamente, mas em redes de coocorrência que produzem expectativa, intensidade e coerência semântica (Baker, 2018, p. 54-55).

Essa lógica se intensifica quando a mordida é descrita não apenas como agressão, mas como sensação corporal ambígua. No original, Louis afirma que o movimento dos lábios de Lestat em seu pescoço lhe enviou “a shock of sensation” que não era “unlike the pleasure of passion” (Rice, 1976, p. 22). Na tradução, a formulação reaparece como “uma corrente de sensações” que “não me pareceu muito diferente do prazer da paixão” (Rice, 1996, p. 19). A passagem de “shock” para “corrente” merece atenção porque altera a qualidade sensorial da cena. O inglês sugere impacto súbito, descarga abrupta, algo mais instantâneo e violento; o português, ao optar por “corrente”, mantém a ideia de intensidade, mas a reinscreve num fluxo mais contínuo e mais espalhado pelo corpo, o que desloca a sensação de impacto súbito para um regime mais contínuo de percepção corporal. O erotismo da cena, portanto, não é apagado; ele passa a ser construído por uma imagem menos abrupta e mais contínua no plano sensorial. A tradução não cancela a ligação entre mordida e prazer, mas transforma sutilmente o modo como esse prazer é imaginado pelo leitor. A diferença, portanto, não se limita ao plano referencial, mas alcança também o valor expressivo da formulação, já que a tradução reorganiza a forma pela qual a sensação é verbalmente experimentada. Nesse ponto, a distinção proposta por Baker (2018) entre significado proposicional e significado expressivo ajuda a compreender que alterações aparentemente discretas podem repercutir de maneira decisiva na qualidade afetiva e sensorial de uma cena (Baker, 2018, p. 12-14).

A sequência do sangue bebido no pulso de Lestat confirma esse processo. No original, Louis experimenta “the special pleasure of sucking nourishment”, expressão em que prazer, sucção e alimento aparecem indissociáveis (Rice, 1976, p. 23). Na tradução, lê-se “o prazer especial de sugar um alimento” (Rice, 1996, p. 20). A proximidade é evidente, mas o interesse crítico da passagem está em outro ponto: em ambas as versões, o sangue deixa de funcionar apenas como substância vital e passa a ser construído como alimento desejado, isto é, como objeto de incorporação prazerosa. A cadeia lexical que se forma com *drink*, *blood*, *sucking* e *nourishment* no original, e com “beba”, “sangue”, “sugando” e “alimento” na tradução, preserva o vínculo entre oralidade, dependência e gratificação corporal. Sob essa perspectiva, o vampirismo riceano não erotiza somente a ferida, mas também a ingestão, o ato de absorver o outro e concentrar nele a própria sobrevivência. A tradução brasileira, ao manter esses termos nucleares, conserva o eixo oral do erotismo da cena e preserva a associação entre prazer, incorporação e dependência vital.

Mais adiante, a própria descrição da experiência sensorial desencadeada pelo sangue reforça esse investimento na corporalidade. No original, o som que Louis percebe “*seemed to fill not just my hearing but all my senses*”, pulsando em “*my lips and fingers*”, “*the flesh of my temples*” e, sobretudo, “*my veins*” (Rice, 1976, p. 23). Na tradução, o som “não [parecia] apenas atingindo minha audição, mas todos os meus sentidos”, “penetrando em meus lábios e em meus dedos, na carne de minhas têmporas, em minhas veias” (Rice, 1996, p. 20). A tradução preserva quase integralmente a expansão sinestésica do trecho. Isso é decisivo, porque o erotismo da transformação não se limita à proximidade entre dois corpos, mas se prolonga numa percepção intensificada do próprio organismo. O corpo torna-se superfície total de vibração, e o sangue, em vez de simples motivo narrativo, converte-se em operador de uma sensorialidade excessiva. A manutenção dessa rede de termos corporais demonstra que a tradução não enfraquece o caráter sensorial da cena inaugural; ao contrário, reinscreve de modo eficaz a ideia de que o vampirismo é uma forma extrema de sentir.

Um segundo momento importante para o cotejo encontra-se na passagem em que Louis, já transformado, percebe que a dor e o desejo de matar passam a constituir sua própria natureza. No original, Lestat lhe diz: “*Pain is terrible for you*” e “*You feel it like no other creature because you are a vampire*” (Rice, 1976, p. 101). A força dessa formulação está na articulação entre dor, excepcionalidade sensorial e identidade vampírica. Mesmo quando a cena não nomeia diretamente o erotismo, ela continua trabalhando com uma lógica corporal extrema: o vampiro sente mais, deseja mais e sofre mais. Nessa altura, o erotismo aparece vinculado não só ao prazer, mas também à dor, à compulsão e à crise subjetiva. Na mesma sequência, Louis reconhece que o sangue da jovem ainda lhe transmite “*physical thrill and strength*”, ao mesmo tempo em que se pergunta se poderia voltar a ser humano (Rice, 1976, p. 100). A coexistência entre “*thrill*”, força e crise moral mostra que, em Rice, o erotismo não elimina a culpa, mas a acompanha. O corpo é excitado justamente no momento em que a consciência se desorganiza. Essa tensão entre fruição e repulsa é central para o romance, e sua análise tradutória precisa considerar que a sensualidade não é apresentada de modo liso ou celebratório, mas como experiência marcada por fratura subjetiva.

Esse mesmo regime de ambivalência retorna, em chave mais explícita, na cena do Théâtre des Vampires. No original, a captura da jovem mortal é organizada em torno do refrão “*No pain*”, repetido em sequência até que a vítima se entregue ao vampiro e o teatro “*reverberated with shared passion*” (Rice, 1976, p. 251-252). Na tradução, o refrão reaparece como “Sem dor” e a culminação da cena se resolve quando “o teatro escuro reverberava compartilhando a paixão” (Rice, 1996, p. 146-147). Aqui, a contribuição de Baker sobre repetição e coesão lexical torna-se especialmente útil: a força da cena não está apenas no valor semântico de “*pain*” ou “*dor*”, mas na insistência sonora e estrutural da repetição, que produz hipnose, sedução e expectativa (Baker, 2018, p. 215-216). A tradução preserva essa repetição e, com ela, a lógica encantatória da cena. “Sem dor” não funciona apenas como equivalente de “*No pain*”; em português, também atua como fórmula de indução, como promessa rítmica que neutraliza momentaneamente o horror e o converte em entrega, operando como dispositivo discursivo de suspensão da violência e reconfiguração perceptiva da cena. A força desse refrão não decorre apenas de seu valor semântico imediato, mas também do efeito pragmático que produz no interior da cena. Repetido em sequência, “*No pain*” organiza uma expectativa de alívio e entrega que reorienta momentaneamente a percepção da violência, aproximando sedução e ameaça. A leitura de Baker sobre coerência, implicatura e processos de interpretação mostra-se especialmente útil nesse ponto, pois permite compreender que a cena se constrói também por aquilo que sugere e induz, e não apenas pelo que enuncia de forma direta (Baker, 2018, p. 235-245).

Além disso, a descrição do corpo da jovem é mantida com grande nitidez na tradução. No original, a cena insiste em “*those parted lips*”, na nudez esquecida, no pano que desliza pelos quadris e no corpo

erguido até que o seio toque os botões do vampiro (Rice, 1976, p. 251-252). Na tradução, aparecem “aqueles lábios entreabertos”, o pano que “escorregava pelos quadris”, o “brilho dourado do cabelo entre as pernas” e a imagem em que “seu seio tocava os botões dele” (Rice, 2018, p. 146-147). O efeito global é o de preservação da visualidade erótica da cena. Não se trata apenas de manter o sentido denotativo, mas de conservar a progressão imagética pela qual a vítima vai sendo transformada em espetáculo de desejo. A tradução brasileira preserva essa teatralidade por meio de uma linguagem visualmente marcada, em que nudez, tremor das pálpebras, suspiros e exposição do corpo operam em conjunto para aproximar morte e erotização. O ponto mais importante, porém, é que a tradução não elimina a violência do episódio: quando “*he sank his teeth*”, a jovem “*stiffened, cried out*” no original (Rice, 1976, p. 252), e na tradução “a jovem se enrijeceu e gritou quando ele afundou os dentes” (Rice, 2018, p. 147). A coexistência entre grito e paixão permanece. Isso mostra que a versão em português não suaviza o núcleo ambivalente da cena; ela mantém a sobreposição entre êxtase e ataque, entrega e ferida.

Um terceiro momento importante para a análise encontra-se nas passagens parisienses envolvendo Armand e, depois, o pintor mortal em Montmartre. Aí, o erotismo já não se organiza em torno da iniciação ou do ritual público, mas da sedução difusa, do fascínio que passa pelo toque, pela voz e pelo espaço. No original, Louis reconhece que sua paixão por Claudia era “*as great as the passion for Armand*” e deixa “*the desire for the kill rise in me like a welcome fever*” (Rice, 1976, p. 289). Na tradução, a formulação se conserva com notável proximidade: “a paixão por ela era tão grande quanto por Armand” e o “desejo de matar” se acende “como uma febre almejada” (Rice, 1996, p. 167). Essa manutenção é importante porque preserva uma das operações mais características da prosa de Rice: a fusão entre desejo afetivo, impulso homicida e febre sensorial. O desejo de matar não aparece como simples impulso predatório; ele é figurado como aquecimento interior, como estado de excitação que envolve o corpo inteiro. A tradução brasileira conserva esse campo semântico e, ao optar por “febre almejada”, reforça inclusive o componente de vontade, de desejo ativo pelo próprio estado febril.

Na sequência do encontro com o pintor, o original constrói a cena por meio de um encadeamento de toques e estímulos sensoriais: o homem passa o braço pela cintura de Louis, toca-lhe a face, acaricia-lhe o rosto, segura-lhe o queixo, enquanto Louis repete “*Alive, alive*” e sente a mão quente do mortal incendiar sua “*cold hunger*” (Rice, 1976, p. 290). Na tradução, essas operações são mantidas: o braço “por minha cintura”, as mãos que “tocavam minhas faces, acariciavam meu rosto, agarrando finalmente meu queixo”, a exclamação “Vivo, vivo” e “aquela mão quente fazendo minha fome glacial arder” (Rice, 1996, p. 167). Aqui, o cotejo evidencia com clareza como a tradução preserva a rede colocacional corpo-calor-fome-vida, fundamental para a cena. O erotismo não está apenas no fato de haver toque, mas na maneira como esse toque é verbalizado como transição entre morte e vida, frieza e calor, fome e satisfação iminente. A expressão “*cold hunger*”, vertida como “fome glacial”, mantém com grande eficácia essa corporeidade paradoxal do vampiro, que deseja com intensidade justamente porque é corpo frio, morto-vivo e incompleto, preservando a tensão semântica entre privação e intensidade que sustenta o erotismo da cena. A tradução, portanto, conserva o mecanismo central da passagem: o mortal se torna, simultaneamente, objeto de contemplação estética, promessa de calor e presa.

Também a ambientação participa diretamente desse processo. No original, Louis é conduzido “*through the sweet, wet grasses*” e entra num espaço em que as luzes, as telas e o calor compõem “a blaze of beauty that pulsed and throbbed” (Rice, 1976, p. 290). Na tradução, ele é levado “pela grama molhada e doce” até uma “fogueira de beleza que pulsava e palpitava” (Rice, 1996, p. 167). O interesse analítico desse trecho está em mostrar que a tradução conserva não apenas os elementos visuais da cena, mas a própria pulsação erótica do espaço. O ateliê não funciona apenas como cenário, porque seus elementos são textualizados como prolongamento do calor, da beleza e da excitação. A escolha de “fogueira de beleza”

para “*blaze of beauty*” desloca a imagem do campo da luminosidade para o da combustão. Nesse caso, a tradução não reduz a força imagética do original; ela a reinscreve de forma expressiva no português, intensificando a associação entre beleza, calor e consumação, central para a erotização da cena.

Os trechos examinados permitem afirmar que o erotismo em *Interview with the Vampire* se organiza por uma combinação de coesão lexical, repetição, progressão sensorial e voz narrativa, e que a tradução brasileira preserva boa parte dessa economia em momentos decisivos. A análise apoiada em Baker mostra que a construção erótica do romance não reside em palavras isoladas, mas em cadeias como sangue-veias-fluxo-sensação, dor-paixão-corpo e calor-fome-vida-morte, que retornam, se recombina e produzem a atmosfera do texto. O cotejo revela que a tradução brasileira mantém ativos muitos desses núcleos, embora por vezes desloque sutilmente a qualidade da sensação, como ocorre na passagem de *shock* para “corrente”. Em vez de apagar o erotismo, essas escolhas tendem a reconfigurá-lo. O texto-meta, assim, não reproduz mecanicamente um erotismo estável e anterior, mas reinscreve em português a lógica verbal por meio da qual Anne Rice faz do vampirismo uma linguagem da sedução, da ferida, da fome e da ambivalência entre prazer e destruição

Considerações finais

Este estudo procurou demonstrar que *Interview with the Vampire* ocupa um lugar singular na tradição vampiresca moderna não apenas por reconfigurar o gótico em chave mais introspectiva, sensual e ambivalente, mas também por fazer do erotismo um princípio estruturador da narrativa. Desde a introdução, partiu-se do entendimento de que o romance de Anne Rice não reduz o vampiro a uma figura exterior de ameaça, mas o transforma em espaço de tensão entre desejo e culpa, prazer e morte, fascínio e violência. Nesse horizonte, buscou-se mostrar que a relevância da obra também decorre do modo como corpo, sangue e voz narrativa estruturam uma experiência estética marcada pela transgressão.

No desenvolvimento da análise, verificou-se que o erotismo no romance não se organiza apenas como tema, mas como efeito de linguagem. As discussões teóricas evidenciaram que a sensualidade gótica de Rice se constrói por meio de redes lexicais, repetições, modulações sintáticas, intensificação sensorial e zonas de ambiguidade que aproximam o vampirismo da experiência erótica. A partir disso, o cotejo entre texto-fonte e tradução brasileira mostrou que a passagem de uma língua a outra não consiste na simples transferência de conteúdos estáveis, mas na reorganização de cadeias lexicais, ritmos e imagens. Em trechos decisivos, a tradução preserva núcleos semânticos centrais ligados a corpo, sangue, dor, prazer, fome e sedução; em outros, reacomoda ritmos, desloca intensidades e formaliza a voz narradora, produzindo uma configuração específica do erotismo em português. Desse modo, o trabalho responde à questão central proposta desde o início ao demonstrar que a tradução brasileira não elimina a sensualidade sombria do romance, mas a reconfigura por meio de escolhas lexicais, sintáticas e imagéticas que preservam sua ambivalência fundamental, evidenciando a tradução como prática de produção de sentido, e não de mera transferência textual.

Uma das principais contribuições do estudo foi articular crítica literária e crítica de tradução sem hierarquizar texto-fonte e texto-meta. Em vez de tratar a tradução como cópia imperfeita ou simples reflexo do original, a análise permitiu compreendê-la como leitura, intervenção e retextualização. Essa perspectiva mostrou-se produtiva porque deslocou o foco da correspondência lexical isolada para a observação de cadeias coesivas, padrões colocacionais, progressões sensoriais e efeitos de voz. Com isso, o trabalho contribui para ampliar o entendimento do erotismo em *Interview with the Vampire*, ao evidenciar que sua força não reside apenas em cenas explícitas de mordida, sedução ou violência, mas na forma como a linguagem organiza uma atmosfera contínua de proximidade, ameaça e desejo. Ao mesmo tempo, o estudo

contribui para os estudos da tradução ao mostrar que, em textos literários dessa natureza, traduzir também implica reconstituir efeitos de ambiguidade, sugestão e tensão.

É necessário reconhecer, contudo, algumas limitações. Este estudo concentrou-se em um recorte específico do romance e privilegiou o exame de passagens em que corpo, sangue e sedução se mostraram mais densamente articulados. Embora esse recorte tenha permitido uma análise detalhada, ele não esgota as possibilidades de leitura da obra nem da tradução. Outros aspectos poderiam ser aprofundados, como a dimensão religiosa do discurso de Louis, a configuração da família anômala formada por Louis, Lestat e Claudia, os efeitos do registro tradutório em passagens menos explicitamente sensoriais e a relação entre o romance e suas adaptações. Além disso, a análise voltou-se sobretudo para o plano verbal, o que deixa em aberto investigações mais extensas sobre recepção, paratextos editoriais, circulação da tradução no Brasil e comparação com outras versões em língua portuguesa.

As implicações do estudo se distribuem em diferentes níveis. No plano teórico, a pesquisa reforça a importância de abordagens que pensem literatura e tradução de forma integrada, especialmente quando o objeto é uma narrativa em que estilo, atmosfera e corporalidade são constitutivos do sentido. No plano crítico, o trabalho contribui para os estudos sobre Anne Rice ao destacar que o erotismo de sua ficção não pode ser dissociado de procedimentos textuais específicos, nem ser reduzido a mero conteúdo temático. No plano tradutório, a análise evidencia que escolhas de registro, repetição, ritmo e construção imagética têm impacto direto sobre a forma como o leitor percebe a sensualidade, a violência e a ambiguidade moral do romance. Em termos mais amplos, o estudo também contribui para a valorização da tradução como prática interpretativa central na circulação do gótico e de suas reconfigurações contemporâneas.

A partir daqui, abrem-se alguns caminhos para pesquisas futuras. Seria produtivo ampliar o corpus de análise para outros trechos do romance, comparar diferentes edições e traduções em português, ou aproximar esta tradução de outras traduções góticas associadas ao nome de Clarice Lispector, a fim de investigar continuidades e singularidades de sua voz tradutória. Também seria pertinente examinar de modo mais sistemático o papel da sintaxe e do registro na produção da atmosfera gótica, bem como desenvolver estudos comparativos entre romance, tradução e adaptação cinematográfica. Outra frente possível consiste em investigar a recepção crítica da tradução brasileira e seu lugar na formação de leitores de Anne Rice no contexto nacional.

Em última instância, este trabalho procurou mostrar que, em *Interview with the Vampire*, o vampirismo não é apenas um motivo fantástico, mas uma linguagem da transgressão, da intimidade e do excesso, e que a tradução participa ativamente da reinscrição dessa linguagem em outro sistema verbal. Se o romance de Anne Rice faz do desejo um lugar de instabilidade entre prazer e destruição, a tradução mostra que o sentido literário também se produz por deslocamento e reconfiguração, evidenciando que a tradução (texto-meta), nesse sentido, não reproduz o erotismo do texto-fonte, mas o reinscreve como efeito de linguagem, reafirmando seu caráter interpretativo e criador. Esse ponto confirma que literatura e tradução permanecem inseparáveis na produção e na circulação do sentido.

Referências

ARROJO, R. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ARROJO, R. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

ASSIS, V. C. D. **Entrevista com o vampiro: do romance gótico ao filme de terror**. 2012. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

- BAKER, M. **In other words: a coursebook on translation**. 3. ed. Abingdon; New York: Routledge, 2018.
- BATAILLE, G. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BENEFIEL, C. R. **Blood relations: the gothic perversion of the nuclear family in Anne Rice's *Interview with the Vampire***. *The Journal of Popular Culture*, Malden, v. 38, n. 2, p. 261-273, 2004.
- BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012.
- BERMAN, A. **Toward a translation criticism: John Donne**. Translated and edited by Françoise Massardier-Kenney. Kent, Ohio: The Kent State University Press, 2009.
- BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CHAVES, R. A. **O mito do vampiro em Mircea Eliade: o erotismo vampiresco em *Senhorita Christina (1936)***. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2017.
- HAGGERTY, G. E. **Anne Rice and the queering of culture**. *NOVEL: A Forum on Fiction*, Durham, v. 32, n. 1, p. 5-18, 1998.
- HOPPENSTAND, G.; BROWNE, R. B. **Vampires, Witches, Mummies, and Other Charismatic Personalities: Exploring the Anne Rice Phenomenon**. In: HOPPENSTAND, G.; BROWNE, R. (eds). *The Gothic world of Anne Rice*. Bowling Green, OH: Bowling Green State University Popular Press, 1996. p. 1-12.
- LIBERMAN, T. R. **Eroticism as moral fulcrum in Rice's Vampire Chronicles**. In: HOPPENSTAND, G.; BROWNE, R. B. (ed.). *The Gothic world of Anne Rice*. Bowling Green, OH: Bowling Green State University Popular Press, 1996. p. 109-121.
- LINKIN, H. K. **Vampire aesthetics in Anne Rice's *Interview with the Vampire***. *Critique: Studies in Contemporary Fiction*, p. 1-10, 2024.
- LIMA, D. L. **Bloody eroticism in *Interview with the Vampire*: from literature to the audiovisual domain**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- RICE, A. **Interview with the Vampire**. New York: Ballantine Books, 1976.
- RICE, A. **Entrevista com o vampiro**. Tradução de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- SANTOS, A. J. R|.; TAVARES, E. F. **“Let the flesh instruct the mind””: corpo, desejo e sinestesia nas crônicas vampirescas de Anne Rice**. *Letras*, Santa Maria, v. 29, n. 59, p. 323-346, jul./dez. 2019.

SARHAN, Q. S.; ADEL, Z. **The Sympathetic Vampire: a study of Anne Rice's *Interview with the Vampire***. Kufa Journal of Arts, v. 1, n. 18, p. 33–60, 2014.

VENUTI, L. **A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução**. Tradução de Laureano Pellegrin et al. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marleide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VINCENT, R. **Vampires as a tool to destabilize contemporary notions of gender and sexuality**. Ellipsis, New Orleans, v. 42, art. 25, 2015.